

## Horizonte, v. 20, n. 61, jan./abr. 2022

Dossiê: Religião e Cinema

Daniel Rocha \*

Em seu primeiro ano adotando o modelo de publicação em fluxo contínuo, ou *ahead of print*, HORIZONTE continua em sua missão de trazer produções acadêmicas de qualidade internacional e textos relevantes para os estudos sobre religião. Juntamente com os artigos de temática livre e a seção de traduções, a revista permanecerá publicando três dossiês temáticos por ano. Entre eles, apresentamos aqui o dossiê sobre *Religião e Cinema*, o primeiro de 2022.

Quando falamos sobre trabalhos acadêmicos que debatem religião e cinema, diversas articulações, abordagens metodológicas e aportes teóricos podem ser acionados. Para o leitor, mesmo aquele não especializado no tema, algumas conexões entre cinema e religião são rapidamente pensadas. A primeira poderíamos chamar de *o cinema na religião*. Inicialmente, podemos facilmente observar como as diferentes mídias e recursos audiovisuais, entre elas o cinema, têm sido utilizadas de forma cada vez mais intensa pelas religiões com o objetivo de valorizar sua própria tradição e/ou de alcançar novos adeptos “embalando” sua mensagem em um formato mais popular e contemporâneo. No Brasil, por exemplo, podemos acompanhar atualmente iniciativas nesse sentido realizadas pela Federação Espírita Brasileira e seu projeto FEB Cinema<sup>1</sup> e por diversas produções voltadas para o público evangélico, como o recente filme *Código Armagedom* (2022), dirigido por Daniel Friesen.

Nos Estados Unidos, vem se consolidando nos últimos anos um emergente

---

\* Doutor em História pela UFMG. Bolsista PNPd/CAPES e professor colaborador no PPGCR PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: danielrochabh@gmail.com.

<sup>1</sup> Maiores informações sobre o projeto em: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. FEB Cinema. Disponível em: <http://febcinema.febnet.org.br/feb-cinema/>. Acesso em 02 mar. 2022.

ramo de produção de filmes com teor explicitamente religioso e proselitista. Essa tendência de *faith-based films* já tem conseguido inclusive um significativo sucesso financeiro, como no caso do filme *God's not dead* (no Brasil traduzido como *Deus não está morto*) que atingiu um impressionante faturamento de 62 milhões de dólares.<sup>2</sup> Já existem produtoras especializadas nesse tipo de produções cinematográficas, como a *Kendrick Brothers* e a *Pure Flix* que, além de produtora de filmes, possui sua própria plataforma de streaming com um conteúdo, segundo a própria empresa, especializado em “mídia que fortalece sua fé e valores [...] e é apropriada para toda a família” (PURE FLIX). Já a *Kendrick Brothers* afirma que está em uma missão “para honrar Jesus Cristo e tornar Sua verdade e amor conhecidos entre as nações” (KENDRICK BROTHERS).

Entretanto, ainda no campo do *cinema na religião*, é preciso também que nos lembremos dos diversos momentos em que as religiões se mobilizaram contra os possíveis malefícios da sétima arte para os valores religiosos e morais. O internacionalmente elogiado cinema iraniano convive com constantes conflitos com o Ministério da Cultura e Orientação Islâmica. Ao mesmo tempo em que produções cinematográficas são reconhecidas e premiadas internacionalmente, diretores renomados como Jafar Panahi são perseguidos e presos sob acusação de propaganda contra a república islâmica. Também entre os cristãos as reações contra uma suposta erosão dos valores da família promovida pela indústria cinematográfica são constantes em países como os Estados Unidos. Tanto grupos evangélicos conservadores quanto setores do catolicismo travam uma longa batalha contra Hollywood desde as primeiras décadas do século XX. São bem conhecidas as “cruzadas” de grupos cristãos contra a exibição de filmes polêmicos como *Je Vous Salue, Marie* (1985) de Jean-Luc Godard e *A Última Tentação de Cristo* (1988) de Martin Scorsese, mas, em 1936, sob o pontificado de Pio XI, o Vaticano já externava na encíclica *Vigilanti Cura* suas preocupações relativas à “má influência” do cinema na sociedade contemporânea:

E, infelizmente, no atual estado de coisas, é geralmente para o mal que o cinema exerce sua influência. Quando pensamos na ruína de tantas almas especialmente de moços e de crianças, cuja integridade e castidade periga nas salas de cinema, vem à nossa mente a terrível

---

<sup>2</sup> O sucesso financeiro e repercussão do primeiro filme – lançado em 2014 – acabou dando origem a uma franquia que já tem um total de quatro filmes. A quinta sequência de *God's Not Dead* (com o subtítulo “Rise Up”) teve seu lançamento anunciado para 2023.

sentença de Nosso Senhor contra os corruptores dos pequenos: "O que escandalizar um destes pequeninos que crêm em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço a mó que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar". (Mt 18, 6). É uma das supremas necessidades do nosso tempo fiscalizar e trabalhar com todo afincamento para que o cinema não seja uma escola de corrupção, mas que se transforme em um precioso instrumento de educação e de elevação moral (PAPA PIO XI, 1936).

As relações entre a Igreja Católica e o cinema ganharam outras perspectivas ao longo do tempo, à medida em que o próprio catolicismo foi se abrindo para o diálogo com as dinâmicas da vida moderna. Tomando como exemplo o caso do catolicismo brasileiro, a partir da década de 1950, observou-se o surgimento de cineclubes católicos como locais de difusão e debates sobre as produções cinematográficas. Em Belo Horizonte, a influência do cineclubismo católico foi fundamental para a organização, em 1961, do primeiro curso superior de cinema no país. Entre as figuras fundamentais no processo de articulação e organização do curso na Universidade Católica de Minas Gerais, devemos mencionar Carmem Gomes, Frei Urbano Plentz e Padre Edeimar Massote, que esteve à frente da direção do curso em seus anos iniciais. O Padre Massote afirmava que o curso tinha “a finalidade de formar professores de cinema para o segundo ciclo; promover as vocações de críticos e roteiristas e [...] dar uma visão mais profunda dos problemas cinematográficos aos orientadores de cineclubes” (Apud CHAVES, 2018, p. 198). Mesmo tendo sido encerrado em 1970, o curso deixou um enorme legado levado adiante pela Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas e por seus ex-professores e alunos, como Paulo Antônio Pereira.

A uma outra interação muito familiar entre cinema e religião podemos chamar de *a religião no cinema*. No cinema, não foram poucos os filmes que exploraram elementos da história das religiões e de seus livros sagrados como temática central ou como pano de fundo de seus roteiros. As diversas tradições religiosas já foram tematizadas direta ou indiretamente em produções cinematográficas ao redor do mundo. Por exemplo, aspectos religiosos e culturais do hinduísmo são presença constante nas produções de Bollywood e do cinema Tamil. A tradição budista foi explorada pelo diretor sul coreano Kim Ki-Duk no premiado filme *Primavera, verão, outono, inverno e... primavera* (2003) e diferentes perspectivas sobre o islamismo aparecem na trama do filme franco-mauritânio *Timbuktu* (2014), dirigido por Abderrahmane Sissako.

De épicos bíblicos do cinema dos anos 1950, como *Os Dez Mandamentos* (1956) de Cecil B. De Mille, até produções mais recentes como o polêmico *Paixão de Cristo* (2004) dirigido por Mel Gibson, a indústria cinematográfica tem usado e abusado de temáticas bíblicas. Mas, como muito bem observado por Paulo Nogueira (2021, p. 2), a relação entre “narrativa bíblica” e “narrativa cinematográfica” acaba por se tornar “circular, pois, depois, ao ler a narrativa dos evangelhos, o espectador associará as imagens do filme à leitura que faz. A imaginação bíblica fica de alguma forma indissociada da imaginação do filme”. Dessa forma, para aqueles que tiveram a experiência de assistir ao filme *Dez Mandamentos*, é difícil a tarefa de ler os relatos do livro do Êxodo sem imaginar Charlton Heston abrindo as águas do Mar Vermelho ou recebendo as tábuas dos dez mandamentos com os efeitos especiais disponíveis na época. E para os não versados nos livros do Pentateuco, alguns elementos que aparecem no filme, como os ciúmes de Ramsés (interpretado por Yul Briner) por causa da aparente preferência de seu pai, o faraó Seth, por Moisés como seu possível sucessor e a disputa entre Moisés e Ramsés pelo amor da bela Nefertiri, interpretada por Anne Baxter, podem ser entendidos como relatos presentes no texto bíblico. Da mesma forma, aqueles que foram impactados pelas imagens do filme de Mel Gibson, conectam suas imagens, mesmo que involuntariamente, ao sofrimento vicário de Cristo em sua *Via Crucis*.

No campo dos estudos sobre religião, diversos pesquisadores têm se dedicado a demonstrar e debater as várias possibilidades analíticas e formas de abordagem das relações entre religião e cinema. Há um progressivo aumento na quantidade de pesquisas sobre o tema e, também, um considerável aprimoramento e diversificação na abordagem e no debate conceitual/metodológico nos estudos sobre religião e cinema. As análises contemporâneas sobre o tema têm utilizado, em suas abordagens, tendências amparadas nos estudos culturais, na semiótica, estudos de recepção, etnografia, entre outras. Em *Religion and film: cinema and the re-creation of the world* (2017), S. Brent Plate afirma que, apesar das relações entre cinema e religião estarem presentes desde os irmãos Lumière, os estudos acadêmicos sobre tais relações têm história relativamente recente. Uma primeira onda de estudos teria ocorrido entre o final dos anos 1960 e os anos 1980, muitos inspirados pela

perspectiva tillichiana de “teologia da cultura”. O foco principal estava em filmes de arte europeus de Bresson, Bergman e Pasolini, por exemplo, e procuravam debater como os temas tratados em tais películas discutiam a condição humana, seus limites e suas expectativas. A partir do final dos anos 1980, uma nova leva de pesquisadores buscou discutir a relação entre religião e cinema não mais privilegiando os *art house films*, mas sim procurando debater essa temática a partir de filmes populares de Hollywood – como os que mencionamos anteriormente – e seu diálogo com a cultura de massa. Plate vê uma limitação presente nesses dois primeiros momentos de estudos: ambos “tendiam a enfatizar as narrativas verbais dos filmes e, portanto, os estudos eram muitas vezes indistinguíveis das interpretações literárias” (PLATE, 2017, p. XV). Plate insere seu trabalho no que ele chama de “terceira onda” de estudos na área. Essa nova tendência nos estudos se caracteriza por um afastamento do que ele chama de “modelos literários de interpretação” para abordagens que dialoguem diretamente com os estudos sobre crítica, questões técnicas e teoria do cinema.

Além disso, tem ocorrido, nessa nova fase de estudos mencionada por Plate, uma mudança de foco da análise de narrativas de alguns filmes específicos para o estudo da recepção das obras e das similaridades entre o cinema e a participação em cerimônias religiosas. Aqui podemos falar de uma terceira relação na qual o cinema, de certa forma, possui uma função religiosa e que poderíamos chamar de *cinema como religião*. Quentin Tarantino algumas vezes declarou que o cinema era a sua religião, mas pesquisadores das relações entre cinema e religião têm buscado um maior refinamento e debate teórico sobre essa questão. Em *Film as religion: myths, morals and rituals* (2003), John C. Lyden, professor do departamento de *Religious Studies* da Universidade do Nebraska, aponta para a importância de que aqueles que pesquisam sobre cinema na área dos estudos sobre religião devem se atentar para o fato de que devem “tentar entender como ele funciona para seu público – as crenças e valores que transmite e seu poder ritual de fornecer catarse das emoções associadas a uma série de problemas e situações da vida” (LYDEN, 2006, p. 246). Plate nos lembra da capacidade de criação e re-criação de mundos, que tanto o cinema quanto a religião possuem: “À medida que um mundo alternativo é apresentado no altar e

na tela, esse mundo projetado é conectado ao mundo do cotidiano, pois os limites, até certo ponto, tornam-se transponíveis” (PLATE, 2017, p. 3).

Através da leitura deste dossiê, os leitores de HORIZONTE poderão perceber a riqueza e a diversidade dos estudos sobre relações entre cinema e religião. Na sequência do excelente editorial do professor Frederico Pieper da Universidade Federal de Juiz de Fora, temos os seguintes artigos: **Hildegard von Bingen, a exemplaridade do feminino no filme de Margareth von Trotta** de Luiz Vadico; **A dimensão espiritual da comensalidade no filme *A festa de Babete*: por uma compreensão ecumênica da hospitalidade e da Eucaristia** de Ceci Baptista Mariani, Breno Martins Campos e José Lima Júnior; **Memórias, cinema e o fim do mundo: análise do filme *Melancholia* de Lars Von Trier** de Rodrigo Follis Santos e Ana Paula Pirani; **Incursões no mundo da continuidade: leitura da ficção arcaizante de *Midsommar* a partir de *Bataille*** de Paulo Augusto de Souza Nogueira e Giovanni Felipe Catenaci; **Bíblia e cinema: estruturas de narrativas bíblicas de chamado e comissionamento em *Os irmãos cara de pau*, de John Landis** de Carlos Ribeiro Caldas Filho e Jacqueline Ziroldo Dolghie; e, por fim, **Monoliteísmo: um conceito de Deus em *2001 uma odisseia no espaço*** de Vitor Chaves de Souza e Márcio Cappelli.

Além do dossiê, esta edição de HORIZONTE conta ainda com a tradução realizada por Brasil Fernandes de Barros do texto **Uma visão sobre a mística** de William James e quatro artigos na seção de temática livre: **As origens do mosteiro de São Miguel de Refojos: um debate em aberto** de Norberto Ferraz; **O núncio Alessandro Bavona e a expansão das circunscrições eclesiásticas entre 1907 e 1911** de Jerri Roberto Marin; **A evangelização dos indígenas como projeto de expansão da Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira (1926-1939)** de Paulo Julião da Silva e Júlia Rany Campos Uzun; e **Perspectivas religiosas e críticas da “tradição”** de Stephen Joseph Engler. Por fim, nesta edição publicamos as resenhas das seguintes obras: **Religiosas em America Latina: memórias y contextos** por Juliana Neri Munhoz; **Evil and Creation: historical and constructive essays on Christian Dogmatics**, por Glauber Souza Araújo;

**Handing Down the Faith: how parents pass their religion on to the next generation**, por José Pereira Coutinho; **Deus, a Filosofia e as Universidades: uma história seletiva da tradição filosófica católica**, por Elton Vitoriano Ribeiro; e **Religious transhumanism and its critics**, por Eduardo Rodrigues da Cruz.

Desejamos a todos uma ótima e proveitosa leitura desta edição de HORIZONTE. Para os autores interessados em submeter seus trabalhos, as chamadas de artigos para os próximos dossiês já estão disponíveis em nosso site.

### REFERÊNCIAS

CHAVES, Geovano Moreira. **Sob o desígnio moral: o cinema além do filme (1900-1964)**. Belo Horizonte, 2018. 223 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

KENDRICK BROTHERS. Our values. Disponível em: <http://kendrickbrothers.com/about/values/>. Acesso em 02 mar. 2022.

LYDEN, John C. **Film as religion: myths, morals and rituals**. New York: New York University Press, 2003.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião em movimento: interpretação da Bíblia no cinema. **Revista Caminhando**, v. 26, p. 1-21, 2021.

PAPA PIO XI. *Vigilanti Cura*. Vaticano, 1936. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_29061936\\_vigilanti-cura.html](http://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html). Acesso em 02 mar. 2022.

PLATE, S. Brent. **Religion and film: cinema and the re-creation of the world**. 2ª ed. New York: Columbia University Press, 2017.

PURE FLIX. Our mission. Disponível em: <http://www.pureflix.com/mission>. Acesso em 02 mar. 2022.